

BIBLIOGRAFIA.

ASPECTOS ATUAIS DA GEOGRAFIA FRANCÊSA

ANTONIO ROCHA PENTEADO

De Paris, onde se encontra no gôso de uma bolsa de estudos concedida pelo Govêrno da França, o prof. ANTONIO ROCHA PENTEADO, sócio efetivo da A.G.B., professor de Geografia do Brasil da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e assistente da cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, remeteu ao Boletim Paulista de Geografia os comentários, que adiante publicamos, a respeito de aspectos atuais da Geografia naquêle país.

Considerações sôbre um periódico geográfico. — Cada vez que nos defrontamos com uma publicação periódica de carater geográfico, ainda desconhecida para nós, é sempre com a melhor bôa vontade que examinamos seu conteúdo e seu espírito de orientação.

Assim foi que, em fevereiro de 1957, tomamos contato com um novo Boletim, em cuja capa lia-se: "Tomo LXVI, Nouvelle série n.º 1", e o título — "BULLETIN DE GÉOGRAPHIE D'AIX — MARSEILLE".

Nascia, pois, uma nova revista, mas já com 65 volumes de herança, pois o novo Boletim iniciava sua existência pelo Tomo 66!

O que estaria atrás de tudo isto?

A apresentação do citado Boletim, pela palavra segura de Jules Blache, Reitor da Universidade D'Aix, em rápida mas penetrante análise (1), colocou-nos a par do que se passara. Nada mais, nada menos, do que o seguinte: a "Société de Géographie et d'Études Coloniales de Marseille", que editava um Boletim autônomo, uniu seus préstimos aos trabalhos do "Laboratoire de Géographie de la Faculté des Lettres D'Aix-en-Provence", resultando dessa união o aparecimento do Boletim, sob nova forma e nova orientação.

Aconteceu aqui um fato que não escapou à perspicácia de Jules Blache: uma verdadeira transfusão de sangue recebeu o já sexagenário "Bulletin de la Société de Géographie et d'Études Coloniales de Marseille".

(1) BLACHE (Jules), *Bulletin de Géographie d'Aix — Marseille*, T. LXVI, n. 1 -- nouvelle série, pags. 3-10, Aix — Marseille, 1955.

Mas, por que? — perguntamos nós.

É ainda o velho mestre Jules Blache quem nos explica, quando escreve (2): “Duas espécies de Revistas geográficas vieram sucessivamente à luz do dia, na França. Tratam-se de duas variedades distintas, das quais, uma encontra-se em vias de extinção; outra, acha-se em plena expansão...”

“A primeira é a que nasceu das Sociedades de Geografia”... A segunda é “filha, não de Sociedades privadas, mas de Universidades” (3).

Assim foi que, na França, após a guerra de 1870 e a partir da expansão colonial francesa, começaram a prosperar muitas Sociedades de Geografia, como as de Paris, Marselha, Lyon, Lille, etc.; nelas reuniam-se inúmeras pessoas interessadas em conhecer, através de conferências, aspectos de regiões até então ignoradas pelo grande público. Ali expunham suas idéias e faziam narrativas de viagens missionários, militares, homens de negócios, etc., que, quase sempre, tratavam de terras longínquas, das regiões das florestas equatoriais, dos usos e costumes de certos grupos humanos, dos desertos quentes e frios, dos povos selvagens, etc.

Com a 1.ª Guerra Mundial, muitas dessas Sociedades sofreram rudes golpes, especialmente na parte financeira, e, como consequência, espaçaram-se as conferências e os fascículos de suas publicações, muitas das quais chegaram mesmo a desaparecer.

Algumas dessas publicações, entretanto, sobreviveram até pouco tempo, mas já sentindo a concorrência das Revistas e Boletins ligados às Universidades, como a dos “Annales de Géographie” e a “Revue de Géographie Alpine”, o primeiro editado a partir de 1891 e a segunda a partir de 1913, inspirados em Paris e em Genoble, por dois eminentes geógrafos franceses, respectivamente, Vidal de La Blache e Raoul Blanchard.

A estas publicações, seguiram-se outras, em diversas cidades francesas onde a existência de uma Universidade criava clima para o desenvolvimento da moderna Geografia, enquanto que definhavam as Revistas das venerandas Sociedades de Geografia francesas.

É ainda o próprio Jules Blache quem escreve, referindo-se ao desaparecimento das publicações das Sociedades de Geografia francesas e ao nascimento e desenvolvimento das Revistas de Geografia ligadas às Universidades: “É que a inspiração não era mais a mesma e os artigos publicados também. As Sociedades de Geografia divulgavam os textos das conferências como entendiam. Os viajantes e suas narrativas ocupavam lugar de destaque; os itinerários em países desconhecidos eram frequentes, ao lado do folclore dessas re-

(2) Idem, pag. 5.

(3) Idem, pag. 5.

giões pouco acessíveis...". E acrescenta: "As modernas Revistas de Geografia tratavam da Geografia moderna: a Geologia, a Morfologia a Climatologia, a Botânica encabeçavam a parte física; as trabalhosas "enquetes" e as pesquisas em arquivos alimentavam a Geografia Humana. Elas expressavam uma disciplina inteiramente nova" (4).

E daí Jules Blache conclui que, após haver folheado toda a coleção de publicações da "Societé de Géographie de l'Est", feitas em Nancy, ficara convencido de que a Geografia atual nada tinha a aprender e que aqueles volumes todos, editados pela veneranda sociedade, constituíam "uma honorável reliquia, um fóssil de pedra" (5).

Portanto, em França, como uma das conseqüências da evolução da Ciência Geográfica, processou-se "uma verdadeira mutação, pela passagem das *Revue des Societés de Géographie* às *Revue de Géographie*" (6).

Ao que parece, essa mutação ainda não se verificou no Brasil; estamos, ainda, naquela fase em que se registrou, na França, o aparecimento dos "Annales de Géographie" e da "Revue de Géographie Alpine", substituídas, em nosso país, pelas publicações oficiais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, de algumas Universidades brasileiras e do Conselho Nacional de Geografia.

Mas, o pior é que, ainda hoje, são fundados Institutos ou Academias nos mesmos moldes das nossas venerandas e centenárias Sociedades de Geografia, ou com os mesmos característicos daquelas descritas por Jules Blache e existentes na França no sec. XIX!

É certo, entretanto, que tal como em outros países do Mundo, como na Grã-Bretanha e Estados Unidos, aqui no Brasil tem-se verificado, ultimamente, uma verdadeira infiltração de elementos jovens e conhecedores da moderna Geografia no corpo associativo das nossas velhas sociedades.

Mesmo durante o último Congresso Brasileiro de Geografia, reunido em 1954 na cidade de Pôrto Alegre, a participação dos elementos ligados à moderna Geografia foi deveras brilhante, do que resultou um verdadeiro peneiramento e seleção dos trabalhos apresentados no citado conclave pelos "curiosos" da Geografia brasileira. É muito provável, pois, que os Anais do citado Congresso sejam menos volumosos do que os dos anteriormente realizados, mas é certo que os Anais do Congresso Brasileiro de Geografia de Pôrto Alegre, não só apresentarão ao grande público uma outra Geografia, como também marcarão uma nova fase na história e no espírito das citadas reuniões.

(4) Idem, *ibidem*, pag. 6.

(5) Idem, *ibidem*, pag. 7.

(6) Idem, *ibidem*, pag. 7.

Mas, que representa a nova-série do "Bulletin de Géographie D'Aix-Marseille"?

Não foi só a necessidade, de reunir os esforços de duas entidades separadas por alguns quilômetros de distância ou de repartir encargos financeiros, mas o alto grau de compreensão (e, porque não dizer, de inteligência) de dois ilustres professores de Geografia, geógrafos renomados do país amigo: Ernest Bénévent e Hildebert Isnard, o primeiro "Doyen Honoraire" da Faculdade de Letras de Aix-en-Provence e Presidente da Sociedade de Geografia de Marselha, e o segundo, Diretor do Laboratório de Geografia da Faculdade de Letras de Aix-en-Provence.

Da ação conjunta desses dois homens, surgiu o novo Boletim, do qual já foram publicados dois números.

O primeiro (Tomo LXVI, n. 1) contém cinco artigos, dos quais quatro são Geografia Humana e Econômica e um de Geografia Regional, a saber; "*O povoamento espanhol na Argélia Ocidental*, por G. ACHER; "*O mercado do leite na Côte D'Azur*, por LOUIS ESTRANGIN; "*Os planos quadrienais no arquipélago das Comoras*, por HILDEBERT ISNARD; "*A região do Alto-Ródano*, por HENRI ONDE; "*Sobre a expansão econômica de Marselha e sua região*, por LOUIS PIERREIN. Completa-o um relatório das atividades da Sociedade em 1955.

O segundo número (T. LXVII, n. 2), referente o ano de 1956, acaba de aparecer com oito artigos, dos quais um é de Geografia Física, outro sobre tema regional e os restantes são de Geografia Humana e Econômica, obedecendo ao seguinte sumário: "*As bacias do Kotor (litoral dinário)*, por B. Z. MILOJEVIC; "*A região do Médio Verdon (a bacia de Salles)*, por CLÉRISSE; "*A população agrícola dos Alpes Marítimos*, por LOUIS ESTRANGIN; "*A departamentalização de três velhas colônias tropicais*, por HILDEBERT ISNARD; "*Marselha e o canal de Suez*, por LOUIS PIERREIN; "*Nice e o Paillon*, por A. PIETRI; "*A chuva e seus efeitos*, por JEAN POUQUET. Completa-o um resumo das atividades da Sociedade de Geografia, em 1956.

A simples leitura dos títulos desses trabalhos já publicados pelo novo boletim, bem como a da lista de seus colaboradores, dos quais alguns já possuem renome internacional, levam-nos a considerá-lo como uma das publicações geográficas francêsas de maior expressão no momento atual. Ele não fica em posição de inferioridade quando cotejado com os "Annales de Géographie", "Cahiers d'Outre-Mer" e "L'Information Géographique".

Não está dando seus primeiros passos, mas já se apresenta como um "venerável adulto", para usar, ainda mais uma vez, expressão de Jules Blache, e não há a menor dúvida de que o

"Bulletin de Géographie D'Aix-Marseille" está fadado a ter uma brilhante existência.

Paris, 12 de março de 1957.

A Geografia francesa na metade do Século XX (7). — Publicado em 1957, por "L'Information Géographique", a obra em aprêço traduz muito bem o potencial da Escola francesa de Geografia em meados do século atual. Trata-se de uma obra de equipe, na qual colaboram trinta e oito dos mais notáveis franceses da atualidade, a saber: A. ALLIX, H. BAULIG, J. BEAUJEU-GARNIER, P. BIROT, A. BLANC, R. BLANCHARD, R. CAPOT-REY, G. CHABOT, L. CHAMPIER, A. CHOLLEY, R. CLOZIER, M. DERRUAU, R. DION, J. DRESCII, D. FAUCHER, M. FONCIN, C. GACHON, P. GEORGE, A. GIBERT, A. GUILCHER, A. JOURNAUX, E. JUILLARD, M. LARNAUDE, A. LIBAULT, J. MALAURI, A. MEYNIER, P. MONBEIG, R. MUSSET, M. PARDÉ, CH. P. PEGUY, A. PERPILLOU, CH. ROBEQUAIN, J. SERMET, P. R. SOMMER, M. SORRE, J. TRICART, E. DE VADMAS, P. VEYRET.

"L'Information Géographique", o periódico tão bem dirigido por Georges Chabot e René Clozier, contando com o apoio do "Centre National de la Recherche Scientifique" e da casa editora Bailliére, pôde levar avante a idéia, sem dúvida brilhante, embora não original, de nos dar uma visão precisa da contribuição dos geógrafos franceses aos conhecimentos da Geografia, nesta metade do século XX.

Dissemos ser brilhante a idéia de colocar-nos a par dos trabalhos da Escola Geográfica de França, mas não original, pois, conforme se lê no prefácio da obra em consideração (8), coube ao saudoso Emmanuel De Martonne apresentar em 1915, ao Congresso Internacional de Geografia reunido na cidade de São Francisco, um relatório sobre o então estado de evolução da Geografia francesa.

Assim, passados 40 anos, o trabalho atual — obra de uma extraordinária equipe de geógrafos, cujos nomes abrem este comentário —, apresenta, especialmente, aquilo que mais foi feito nos últimos quinze ou vinte anos, ou seja, sobre o "período em que se desenvolveram as tendências atuais" (9), cabendo cada setôr a um dos citados especialistas, que apresentaram um resumo da evolução da Geografia francesa em sua especialidade, acompanhado de uma bibliografia, o mais possível completa.

Eis o conteúdo da obra:

(7) *La Géographie Française au milieu du XXe siècle* — Paris. J. B. Bailliére et Fils, 1957. Obra publicada por "L'Information Géographique", com o concurso do "Centre National de la Recherche Scientifique". 329 pags. Preço 1.200 francos francêses.

(8) Idem, pag. 5.

(9) Idem, pag. 5.

- *A Geografia Francêsa*, por Max Sorre — pags. 7 a 12
- *Tendências e organização da Geografia na França*, por André Cholley, pags. 13 a 25
- *A Geomorfologia na França até 1940*, por Henri Baulig, pags. 27 a 35
- *As novas tendências da morfologia francêsa*, por Jacqueline Beaujeu-Garnier, pags. 37 a 42
- *Pesquisas recentes e novas tendências na morfologia desértica*, por Robert Capot-Rey, pags. 43-51
- *Geomorfologia glacial e peri-glacial*, por Jean Tricart, pags. 53 a 58
- *Morfologia vulcânica* — por Max Derruau, pags. 59 a 63
- *O relevo cárstico*, por André Blanc, pags. 65-69
- *Geografia das montanhas*, por Paul Veyret, pags. 71 a 76
- *Morfologia litorânea*, por André Guilcher, pags. 77 a 82
- *A climatologia francêsa nos últimos trinta anos*, por Ch. P. Pégny, pags. 83 a 85
- *A ciência pedológica francêsa na metade do século XX*, por Lucien Zachon, pags. 87 a 97
- *A Geografia Botânica na França, nos últimos vinte anos*, por P. Birot, pags. 99 a 102
- *Os estudos de hidrologia fluvial no último quarto de século*, por Maurice Pardé, pags. 103 a 119
- *Oceanografia*, por André Guilcher, pags. 121 a 126
- *Os progressos da Geografia das Populações*, por Jacqueline Beaujeu-Garnier, pags. 127 a 132
- *Problemas de "habitat" rural*, por A. Perpillou, pags. 133-141
- *A Geografia Urbana*, por Georges Chabot, pags. 143 a 147
- *Geografia Política e Geografia Religiosa*, por L. Champier, pags. 149 a 158
- *A Geografia Agrária*, por Étienne Juillard, pags. 159 a 166
- *Geografia da Indústria*, por André Gibert, pags. 167 a 174
- *Geografia da Circulação*, por René Clozier, pags. 175 a 181
- *Geografia Histórica*, por Roger Dion, pags. 183 a 186
- *Os recentes estudos de regiões francêsas*, por René Musset, pags. 187 a 196
- *Os geógrafos francêses e a Europa*, por Jean Sermet, pags. 197 a 210
- *Estudos francêses sobre a geografia da U. R. S. S.*, por Pierre George, pags. 211 a 215
- *Estudos francêses sobre as Repúblicas Populares Européias*, por Pierre George, pags. 217 a 218
- *Estudos sobre a África do Norte*, por Jean Dresch, pags. 219 a 229
- *Trabalhos geográficos publicados por francêses sobre a África não francêsa*, por Marcel Larnaudé, pags. 231 a 235
- *O Oriente-Médio*, por E. de Vauxmas, pags. 237 a 244
- *América Anglo-Saxônica*, por Raoul Blanchard, pags. 245 a 247
- *Os geógrafos francêses e a América Latina*, por Pierre Monbeig, pags. 249 a 256

- *Ásia das Monções e Ásia Central*, por Ch. Robecquain, pags. 257 a 260
- *A atividade geográfica francesa nas Regiões Polares (1940-1955)*, por J. Malaurie, pags. 261 a 280
- *A Geografia aplicada*, por André Meynier, pags. 281 a 287
- *Geografia Aplicada e Geografia Regional*, por André Allix, pags. 289 a 293
- *O Centro Nacional da Pesquisa Científica e a Pesquisa Geográfica na França*, por A. Journaux, pags. 295 a 298
- *A atividade geográfica francesa (as revistas)*, por Daniel Faucher, pags. 299 a 304
- *Vinte anos de Cartografia francesa*, por A. Libault, pags. 305 a 313.
- *A documentação geográfica nas Bibliotecas francesas*, por Myriem Foncin, pags. 315 a 321
- *A Bibliografia Geográfica Internacional*, por Pierre George, pags. 323 a 325
- *A Bibliografia Cartográfica Internacional*, por M. Foncin e P. R. Sommer, pags. 327 a 329

A simples leitura dos diferentes itens, que correspondem a um verdadeiro sumário do livro, dá-nos uma idéia do que seja a obra em consideração e do seu caráter, o que a tornará uma publicação de grande alcance internacional.

Nela, o variado "menu" apresenta pratos tentadores e para todos os gostos... Não podendo "saboreá-los" em sua totalidade, sem correr os riscos de uma perigosa "gastronomia geográfica", vamos abordar com maiores detalhes apenas uma das partes que constitui o livro em aprêço.

Escolhemos, e nem poderíamos deixar de assim proceder, a parte escrita sobre o Brasil, que se enquadra entre as páginas 249 a 256 — *Os geógrafos franceses e a América Latina*.

Escrito por PIERRE MONBEIG, que dispensa qualquer apresentação — tal é a forma por que se encontra ligado ao desenvolvimento da moderna Geografia em nosso país —, o referido capítulo é um dos mais completos da obra, não só pela maneira como o assunto é apresentado, como também pela bibliografia que o acompanha, devidamente distribuída por diferentes secções e com indicações bibliográficas perfeitadas, fato que nem sempre ocorreu com outros colaboradores do referido trabalho.

Em seu artigo, Pierre Monbeig mostra, inicialmente, que foi somente há alguns "anos antes da 1.^a Grande-Guerra que os geógrafos franceses começaram a se interessar pelas terras longínquas da América Latina", quando, em 1935, um artigo de DE MARTONNE (10) marcou uma mudança na orientação dos trabalhos até então feitos por franceses no continente latino-americano.

(10) MARTONNE (Emanuel De) — *Problèmes des régions arides sud-américaines*, em *Annales de Géographie*, 1935, pags. 1 a 27.

Fazendo as devidas ressalvas aos “clássicos” PIERRE DENIS e ANDRÉ SIEGFRIED, bem como às obras dos viajantes, “fontes inexgotáveis de informações”, testemunhas de um espírito geográfico no mais moderno sentido dessa expressão (11), nosso amigo Monbeig reconhece “a pobreza da contribuição francesa aos estudos de caráter geográfico na América Latina (12)”, até a aparição do citado artigo de DE MARTONNE.

As duas viagens de De Martonne ao Brasil, em 1935 e em 1937, tiveram o poder de atuar estimulativamente sobre os “jovens geógrafos brasileiros (e francês)” — como diz honestamente Monbeig, que era, na época, o jovem francês que lecionava na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo — e, acabaram por motivar o aparecimento de dois artigos referentes à Morfologia do Brasil de sudeste (13).

Assim, nada nos é mais grato do que vêr o recrudescimento da atividade dos geógrafos franceses ligados à moderna Geografia na América Latina fazer-se principalmente no Brasil e em S. Paulo, que teve em Pierre Deffontaines, Emmanuel De Martonne e Pierre Monbeig seus três primeiros professores de Geografia, muito embora o saudoso mestre De Martonne tivesse permanecido entre nós apenas três meses.

Dentro de um espírito de justiça, pouco comum em nossos dias, o prof. Pierre Monbeig acrescenta: “Pois é sobretudo no Brasil que os geógrafos franceses têm ensinado e trabalhado. A Universidade do Brasil não tardou a procurar igualmente seus préstimos e o Conselho Nacional de Geografia, cuja criação pertence-lhes em parte, tem sempre facilitado suas tarefas. Migrações de universitários da velha Europa, de longa duração ou mais frequentemente sazonais, às vezes pouco admirados pelo que descobrem, mas sempre conquistados pelo acolhimento e ardor de seus estudantes. Eles puderam ajudar alguns raros pioneiros da Geografia moderna no Brasil, que direta ou indiretamente já vinham seguindo as lições da escola francesa. Depois, os estudos geográficos alcançaram seu lugar ao Sol em Recife, Bahia, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre: foi melhorado o ensino nos estabelecimentos de segundo grau, novas cadeiras nas Faculdades, levantamentos dirigidos pelo Conselho Nacional de Geografia, fundação em São Paulo de uma Associação dos Geógrafos Brasileiros, da qual seus dois primeiros presidentes foram professores franceses (14). Cada

(11) MONBEIG (Pierre) Vide pag. 249 da obra em apêço.

(12) Idem, pag. 249.

(13) MARTONNE (Emmanuel De) — *Problèmes morphologiques du Brésil Tropical Atlantique*. *Annales de Géographie*, 1940, pags. 1 a 27 e 106 a 129.

(14) Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig foram os dois geógrafos franceses que ocuparam o cargo de Presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros. (N. R.).

ano esta A. G. B. reúne em uma cidade e, às vezes, no sertão, associados vindos de suas diferentes secções, não tanto para ouvir as comunicações como para fazer em conjunto excursões de trabalho. As relações com as Universidades e geógrafos dos Estados Unidos têm seu lugar neste sentido" (15).

Monbeig fez também justiça aos seus companheiros franceses, não geógrafos, que contribuíram para a evolução dos conhecimentos geográficos na América Latina e, portanto, no Brasil também; BRAJNIKOV, LEVI STRAUSS, LAMBERT, MORAZÉ e PAUL RIVET são nomes que se destacam, sobremaneira, e que não foram esquecidos pelo mestre francês.

Passando a tratar dos trabalhos elaborados por geógrafos franceses, inicia a análise por MAURICE PARDÉ e seus artigos sobre regimes fluviais de rios sul-americanos, entre os quais numerosos são os casos brasileiros estudados, correspondendo aos mais importantes trabalhos publicados neste setôr da Geografia brasileira (16); passa, a seguir, pelos trabalhos de FRANCIS RUELLAN, desde seus estudos sobre a Baía de Guanabara, até seus trabalhos mais recentes baseados em observações de campo e interpretação de fotografias aéreas. Isto quanto à Geografia Física brasileira e que, mesmo no que diz respeito a toda a América Latina, quando é feito um balanço daquilo que foi recentemente publicado, fica-se "surpreso pela parte modesta que representa".

Mais importante, sem dúvida, a contribuição dos geógrafos franceses dentro da Geografia Humana e Econômica. Assim, no que se refere aos estudos regionais, Monbeig destaca os trabalhos de LE LANNOU, GOUROU e PAPY, o primeiro com uma "análise da estrutura regional do Brasil"; o segundo, com seus artigos sobre a Amazônia, em que "ataca o mito da Amazônia país anfíbio, exclusivamente planície aluvial", e que, graças aos seus "conhecimentos de outros países equatoriais, permitiram-lhe fazer sugestivas comparações, sobretudo com a zona congolêsa, da qual o mundo amazônico não é uma réplica"; o terceiro, "foi seduzido pela fachada atlântica do Império do café", escrevendo que "nenhuma região natural é mais fácil de definir que a franja atlântica de São Paulo" (17).

E junta, para terminar esta parte, os artigos de DEFFONTAINES sobre as divisões regionais de S. Paulo e Espírito Santo e, modestamente, seus dois artigos, um sobre a Divisão Regional do Estado de S. Paulo, feito em equipe pelo grupo paulista da A. G. B.,

(15) MONBEIG (PIERRE) — vide pág. 250 da obra em consideração.

(16) Vide bibliografia.

(17) Vide bibliografia.

mas por êle dirigido, e outro sôbre os aspectos geográficos do sertão e litoral nordestino, duas regiões "vizinhas e complementares", como escreveu Monbeig (18).

A seguir, passa a examinar o estudo de cidades, quando mostra como os francêses, "desembarcando em um Novo Mundo em plena evolução, mas não sem passado", foram atraídos pela Geografia Urbana, em virtude do rápido crescimento de muitas cidades, "paraísos da especulação, metrópoles onde os casebres são vizinhos dos arranha-céus", a casa colonial vizinha dos prédios de arquitetura moderna. "A cidade da América Latina não é certamente a cidade européia, mas ela não é também uma simples réplica da cidade da América do Norte; ela exprime uma civilização original. O progresso urbano gerou problemas que são encontrados na África Tropical ou na Ásia; mistura de raças e nacionalidades, formação de uma nova sociedade e também todas as questões que são criadas pelo êxodo rural e pela evolução da produção agrícola" (19).

Conclui esta parte de seu capítulo, referindo-se às várias monografias urbanas feitas por alunos da Universidade de S. Paulo, sob sua orientação, bem como "aos colegas brasileiros que realizaram uma bela colheita de estudos de cidades".

A seguir, Monbeig tece algumas considerações sôbre problemas criados pela expansão da colonização no Sul do Brasil e o avanço das frentes pioneiras, ocasião em que encaixou seus estudos sôbre êste aspecto da Geografia Humana de S. Paulo e Norte do Paraná, e aproveita-se da oportunidade para aqui colocar o artigo de JEAN ROCHE sôbre as migrações rurais no Rio Grande do Sul, mostrando o interêsse que tais estudos possuem no sentido de se fazerem comparações com trabalhos levados a efeito em Haítí, São Domingos e Guadalupe, por outros geógrafos francêses (20).

Concluindo seu artigo, o prof. MONBEIG aborda a parte referente à economia dos diferentes países latino-americanos, ressaltando que ainda muito resta a fazer para completar as pesquisas já realizadas em diversos países do continente. Há artigos isolados, como os que o articulista escreveu sôbre o minério de ferro e sôbre o cacau e seu papel na economia brasileira, "mas as sínteses geográficas para êstes países continuam raras". E acrescenta: "O Brasil, que nos é decididamente mais familiar, foi contemplado com duas obras que propõem um mesmo problema: o que é a Nação Brasileira? Le Lannou conclui dizendo que o Brasil é um dos desconhecidos do mundo. Isto é verdadeiro para toda a América Latina..." (21).

(18) Idem.

(19) Vide pag. 252 do artigo em consideração.

(20) Vide bibliografia.

(21) Vide pag. 254 do artigo em questão.

O artigo de MONBEIG é acompanhado por uma alentada bibliografia, composta por 65 obras e artigos, que correspondem aos trabalhos publicados por geógrafos franceses sobre a América Latina. Nada nos é mais interessante do que verificar que, dos artigos e obras acima referidos, 36 abordam questões de Geografia do Brasil, sem contar os trabalhos de caráter geral que tratam de toda a América Latina e também, neste caso, do Brasil.

Assim, verificamos que, entre os sete artigos e obras classificados como estudos de caráter geral, dois referem-se, especificamente, ao Brasil:

- 1 — LE LANNOU (Maurice) — *Le Brésil*, Paris, 1955. Col. Armand Colin, 224 pags.
- 2 — MONBEIG (Pierre) — *Le Brésil*, Paris, 1954. Col. "Que sai-je?", Presses Universitaires de France, 97 pags.

No campo da Geografia Física, dos doze trabalhos citados por Monbeig, dez são sobre assuntos brasileiros:

- 1 — MARTONNE (Emmanuel De) — *Problèmes morphologiques du Brésil Tropical Atlantique*, em "Les Annales de Géographie", 1940, pags. 1-27 e 105-129.
- 2 — RUELLAN (Francis) — *Evolução Geomorfológica do Baía de Guanabara e das regiões vizinhas*, em "Revista Brasileira de Geografia", Rio, 1945, pags. 445-508.
- 3 — RUELLAN (Francis) — *Le rôle des plis de fonds dans le relief du bouclier sud-américain*. Comunicação ao Congresso Internacional de Geologia. Argel, 1952. 28 pags. datilografadas.
- 4 — RUELLAN (Francis) — *Les surfaces d'érosion de la région sud-orientale du plateau central brésilien*. Compte-rendus do XVI Congresso Internacional de Geografia, Lisboa, 1949, pags. 639-673.
- 5 — RUELLAN (Francis) — *O papel das enxurradas no modelado do relevo brasileiro*. "Boletim Paulista de Geografia", S. Paulo, 1953, n. 13, pags. 5 e 18, e n. 14, pags. 3-25.
- 6 — RUELLAN (Francis) — *Note préliminaire sur un plissement rencontré entre Pirapora (Minas Gerais) e Formosa (Goiás), Brésil*. "Bulletin de la Société de Géologie de France", 1952, fasc. 1-3, pags. 91-100.
- 7 — RUELLAN (Francis) — *As aplicações da fotogrametria aos estudos geomorfológicos*. "Revista Brasileira de Geografia", Rio, 1949, pags. 309-354.
- 8 — PARDÉ (Maurice) — *Les variations saisonnières de l'Amazonie*. "Les Annales de Géographie", 1936, pags. 502-511.
- 9 — PARDÉ (Maurice) — *Le régime des cours d'eau argentins, uruguayens, paraguayens et sud-brésiliens*, em "Estudios Geográficos", Madrid, 1952, pags. 616-648.
- 10 — PARDÉ (Maurice) — *Sur le régime et spécialement sur les variations saisonnières des cours d'eau brésiliens*, em "La Houille blanche", Grenoble, 1954, n. 6, pags. 63-86.

A seleção de pesquisas regionais, apresentada por Monbeig, nos dá 17 trabalhos, dos quais 10 sôbre o Brasil, a saber:

- 1 — DEFFONTAINES (Pierre) — *Pays et paysages de Saint-Paul*, em "Les Annales de Géographie", 1936, pags. 50-71 e 160-174.
- 2 — DEFFONTAINES (Pierre) — *L'État d'Espírito-Santo (Brésil), essai de divisions régionales*, em "Les Annales de Géographie", 1938, pags. 42-69.
- 3 — GOUROU (Pierre) — *L'Amazonic, problèmes géographiques*, em "Cahiers d'Outre-mer", 1947, Bordéus, pags. 1-13.
- 4 — GOUROU (Pierre) — *Le pays de Belem (Brésil)*, em "Bulletin de la Société Belge d'Études Géographiques", 1949, Bruxelles, pags. 19-26.
- 5 — LASSERRE (Guy) — *Le Nord-Est du Brésil*, em "Cahiers d'Outre-mer". Bordéus, 1948, pags. 40-67.
- 6 — MONBEIG (Pierre) — *Colonization, peuplement et plantation de cacao dans le sud de l'état de Bahia*, em "Les Annales de Géographie", 1937, pags. 278-299.
- 7 — MONBEIG (Pierre) — *A divisão regional de São Paulo*, em "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", S. Paulo, 1945-46, vol. I, pags. 19-36.
- 8 — MONBEIG (Pierre) — *Évolution des genres de vie ruraux traditionnels dans le Sud-Est du Brésil*, em "Les Annales de Géographie", Paris, 1949, pags. 35-43.
- 9 — MONBEIG (Pierre) — *Notes sur la géographie humaine du Nord-Est du Brésil*, em "Bulletin de l'Association des Géographes Français", Paris, 1947, pags. 51-60.
- 10 — PAPY (Louis) — *En marge de l'Empire du café: la façade atlantique de São Paulo*, em "Cahiers d'Outre-mer", Bordéus, 1952, pags. 357-398.

A seguir, Monbeig apresenta a série de trabalhos (12) consagrados ao estudo das cidades, da qual a maior parte (8) é dedicada às cidades do Brasil:

- 1 — ARROS (Philippe) — *Petrópolis*, em "Revue de Géographie Alpine", 1938, pags. 477-530.
- 2 — DEFFONTAINES (Pierre) — *Rio de Janeiro, une grande victoire urbaine*, em "Revue d'Économie Politique", Paris 1937, pags. 92-109.
- 3 — DEFFONTAINES (Pierre) — *Le réseau des villes. Comment il s'est constitué au Brésil*, em "Bulletin de la Société de Géographie de Lille", 1938, pags. 321-348, e também em "Geographical Review", Nova York, 1938, pags. 379-399.
- 4 — MONBEIG (Pierre) — *La croissance de la ville de São Paulo*, Institut de Géographie Alpine de Grenoble, 1953, 94 pags.
- 5 — MONBEIG (Pierre) — *Monografias urbanas*. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia. Rio, 1940, tomo III.

- 6 -- ROCHE (Jean) — *Porto Alegre, métropole du Brésil méridional*, em "Cahiers d'Outre-mer", Bordéus, 1954, pags. 367-397.
- 7 -- RUELLAN (Francis) — *Quelques problèmes de l'expédition chargée de trouver des sites pour la nouvelle capitale fédérale des États-Unis du Brésil*, em "Bulletin de l'Association des Géographes Français", Paris, 1948, pags. 90-100.
- 8 -- TEULIÈRES (R.) — *Bidonvilles du Brésil. Les favelles de Belo Horizonte*, em "Cahiers d'Outre-mer", Bordéus, 1955, pags. 30-55.

Na parte relativa à colonização e povoamento, Monbeig classificou 8 trabalhos, dos quais 4 sobre o Brasil:

- 1 — MONBEIG (Pierre) — *Pionniers et planteurs de São Paulo*, Cahiers de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, n. 28, Paris, 1952, 376 pags.
- 2 — MONBEIG (Pierre) — *Les structures agroires dans la frange pionnière de São Paulo*, em "Cahiers d'Outre-mer", Bordéus, 1951, pags. 1-22.
- 3 — MONBEIG (Pierre) — *Les tendances actuelles de l'agriculture à São Paulo*, em "Bulletin de l'Association des Géographes Français", Paris, 1955, pags. 148-156.
- 4 — ROCHE (Jean) — *Les migrations rurales dans le Rio Grande do Sul*, em "Annales de Économie, Sociologie, Civilization", Paris, 1954, pags. 481-504.

Finalmente, no item referente às questões económicas, Monbeig, em trabalhos relacionados, apresenta dois relativos ao nosso país:

- 1 — MONBEIG (Pierre) — *Fer et métallurgie au Brésil*, em "L'Information Géographique", 1955, n. 2, pags. 48-56.
- 2 — MONBEIG (Pierre) — *Les incertudes du marché brésilien du café*, em "Marchés coloniaux", Paris, 1955, n. 495, pags. 1203-1207. Neste mesmo número há uma nota sobre o mercado do cacau, nas pags. 1248-1249.

Monbeig poderia ter alongado, e muito mais, esta lista, se tivesse acrescentado os trabalhos de natureza didática e filosófica ligadas ao ensino da Geografia entre nós. Assim sendo, aos 14 títulos citados como sendo de trabalhos de sua autoria, bem como aos 4 atribuídos a Deffontaines, na verdade, poderia juntar outros tantos, caso viesse a encarar a contribuição dos mestres franceses ao progresso da ensino da Geografia em nosso país.

Mas só o fato do Brasil ter recebido 36 artigos e obras, de uma lista de trabalhos referente a América Latina — que conta com 65 títulos relacionados —, bem demonstra o alto interesse que o nosso país tem despertado entre os geógrafos da Nação amiga.

E é o próprio Monbeig que aponta as causas desse interesse pela América Latina em geral, quando escreve: "O exemplo de De Martonne, a amizade brasileira e o dinamismo bordelense foram os três geradores de corrente que empurraram os geógrafos franceses do México ao Chile" (22).

Todavia, seria conveniente não esquecer que, no caso brasileiro, um quarto "gerador de corrente" esteve em ação, deixando até hoje profundas marcas de sua passagem pela Geografia em nosso país: a simpatia cativante, aliada a uma extraordinária capacidade de trabalho, de Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig.

Assim sendo, a publicação de "L'Information Géographique" nos dá uma excelente idéia do estado atual de evolução dos conhecimentos geográficos na França e constitui uma das mais importantes obras de caráter geográfico redigidas em 1956, naquele país, e que não pode faltar na biblioteca de nenhum geógrafo brasileiro.

Paris, 6 de abril de 1957.

(22) MONBEIG (Pierre) — artigo em consideração, pág. 250.